

## 4. Conclusão geral

Nossa intenção ao iniciarmos essa dissertação era relativamente simples: tratava-se de verificar como aquelas encíclicas que se ocupam, de algum modo, da Moral Sexual estão relacionadas ao mistério trinitário. Ao longo da exaustiva análise das ocorrências de palavras utilizadas para referir-se às pessoas divinas pudemos constatar o predomínio da nomeação do Pai e a quase ausência da nomeação do Espírito Santo. Constatamos ainda que a nomeação do Filho, especialmente nas duas primeiras encíclicas, não parecia ser mais do que um reflexo da nomeação onipresente do Pai. E, por fim, ao constatar a insignificante referência ao mistério trinitário para a articulação do discurso moral, chegamos à conclusão de que efetivamente a Trindade não estrutura o discurso moral acerca da sexualidade. É grave constatar que tal discurso construiu-se ao longo dos anos basicamente sobre os pilares do Pai e do Filho<sup>1101</sup>.

Resta-nos agora, a partir dessa constatação levantar algumas questões de trabalho, numa tentativa de contemplar as possibilidades abertas por uma moral sexual mais nutrida pela reflexão trinitária. Não intencionamos, agora, apresentar novas conclusões, apenas queremos deixar-nos questionar pelas possíveis consequências do esquecimento da Trindade para o discurso moral acerca da sexualidade. Para tanto, utilizar-nos-emos do seguinte esquema: 1) *Constatação*: aqui apresentamos um problema que o discurso moral sobre a sexualidade tem suscitado no seio da Igreja; 2) *Questão*: aqui, formulamos uma pergunta hipotética sobre a origem ou a solução do problema apresentado.

**1ª constatação:** Se, por um lado, a Doutrina Social da Igreja revelou nos últimos anos uma lúcida preocupação de diálogo com o mundo contemporâneo<sup>1102</sup>, por outro lado, parece que o mesmo não ocorreu com a Moral Sexual. Com efeito, é notório o desafio encontrado por muitos presbíteros em conciliar o discurso magisterial acerca da sexualidade com os desafios pastorais que eles têm diante de si, no trato com o Povo de Deus. Além disso, para muitos

---

<sup>1101</sup> Sobre as implicações éticas dessa polarização entre Pai e Filho cf. FUCHS, E., *Pour une réinterprétation éthique du dogme trinitaire*, p. 533-540.

<sup>1102</sup> Para comprovar a amplitude e atualidade do discurso social da Igreja é interessante verificar as inúmeras temáticas trabalhadas pelo *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*.

cristãos<sup>1103</sup> o discurso magisterial acerca da sexualidade parece dirigido a outros destinatários, distintos dos que vivem o tempo presente, marcado pelos desdobramentos da revolução sexual<sup>1104</sup>, da emancipação feminina, dos movimentos em defesa da diversidade sexual e da afirmação da autonomia pessoal.

É curioso notar que o campo da sexualidade continua a ser um “campo minado”. O excessivo cuidado dos manuais de moral em propor algo novo parece revelar um contínuo medo dos moralistas de serem chamados ao “silêncio obsequioso” pela Cúria Romana. O velho princípio medieval de que não há parvidade de matéria no campo da sexualidade parece ainda muito atual, mesmo após certa superação da moral extrínseca de atos.

Talvez falte à Moral Sexual aquela mesma abertura apresentada por Paulo VI a respeito da Doutrina Social da Igreja:

Perante situações, assim tão diversificadas, torna-se-nos difícil tanto o pronunciar uma palavra única, como o propor uma solução que tenha um valor universal. Mas, isso não é ambição nossa, nem mesmo a nossa missão. É às comunidades cristãs que cabe analisar, com objetividade, a situação própria do seu país e procurar iluminá-la, com a luz das palavras inalteráveis do Evangelho; a elas cumpre, haurir princípios de reflexão, normas para julgar e diretrizes para a ação, na doutrina social da Igreja, tal como ela vem sendo elaborada, no decurso da história [...] A essas comunidades cristãs incumbe discernir, com a ajuda do Espírito Santo em comunhão com os bispos responsáveis e em diálogo com os outros irmãos cristãos e com todos os homens de boa vontade - as opções e os compromissos que convém tomar, para realizar as transformações sociais, políticas e econômicas que se apresentam como necessárias e urgentes, em não poucos casos”<sup>1105</sup>.

**1ª questão:** Seria intelectualmente honesto considerar que todos os católicos que não observam a doutrina emanada do Magistério acerca da sexualidade o fazem ou por ignorância ou por obnubilamento da consciência moral, face à

<sup>1103</sup> A título de exemplo cf. MOVIMENTO INTERNACIONAL DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA. *Evangelizar a sexualidade*, p 3ss. Nesta obra pode-se notar o conflito de posições. De um lado, uma minoria de casais defende a posição do Magistério (*Humanae Vitae*), sem objeções; e de outro, a grande maioria encontra sérias dificuldades em aceitá-lo e aplicá-lo.

<sup>1104</sup> Ainda que recentemente assistamos a fenômenos como *Low Sexual Desire* ou *True Love Waits*, que convidam os jovens a uma continência voluntária, como forma de reação ao “pansexualismo contemporâneo”, tais movimentos não possuem qualquer matriz religiosa. O propósito de autocontrole da pulsão sexual é apenas a reafirmação do princípio moderno da autonomia da liberdade ou o desejo de resgatar positivamente o valor dos interditos para a construção de uma sexualidade saudável. De qualquer modo, o discurso eclesial parece não ser capaz de dialogar com esses grupos sociais, ainda que os valores apregoados sejam similares àqueles defendidos pela Igreja. Sobre as contradições da revolução sexual cf. GUILLEBAUD, Jean-Claude. *La révolution sexuelle en question*, p. 23-30.

<sup>1105</sup> Cf. PAULO VI, *Carta apostólica Octogesima Adveniens*, n. 4.

cultura de morte a que estão expostos? Em outras palavras, seria intelectualmente honesto identificar sempre o dissenso<sup>1106</sup> com a desobediência ou a ignorância? Não é curioso notar que, nessa citação de Paulo VI, ele se refira justamente ao papel do Espírito Santo no auxílio às comunidades?<sup>1107</sup> Não seria, portanto, a ausência de uma reflexão moral mais pneumatológica que estaria dificultando o diálogo entre o Magistério e o Povo de Deus, no que concerne à sexualidade? Não haveria, enfim, por detrás do dissenso alguma manifestação do *sensus fidelium*<sup>1108</sup>, uma vez, que como bem observou João Paulo II “É o mesmo Espírito que assiste o Magistério e suscita o *sensus fidei*”<sup>1109</sup>? Além disso, o fato de a moral sexual ser em grande medida elaborada por um clero célibe não condiciona tal discurso impedindo-o de aprofundar elementos da fé vivida pelos leigos casados<sup>1110</sup>?

**2ª constatação:** No discurso magisterial acerca da sexualidade parece predominar o apelo à razão, como forma de orientar a liberdade à ação eticamente

<sup>1106</sup> Sobre a legitimidade do dissenso, há que se considerar que em Moral, até o presente momento, não há qualquer dogma ou ensinamento que goze inquestionavelmente de infalibilidade. De fato, a Moral situa-se dentro do magistério ordinário da Igreja. A esse respeito cf. Cf. HALLETT, G. L., *Infalibility and contraception: the debate continues*, p. 517-528. Embora González-Carvajal e Maugeness tratem especificamente dos limites do ensinamento social da Igreja, suas reflexões, em nosso parecer, são plenamente aplicáveis ao discurso magisterial sobre a sexualidade. Podemos sintetizar os argumentos de ambos nas seguintes afirmações: 1) o caráter eminentemente histórico dos documentos; 2) não pretendem ser uma palavra única com valor universal, mas fonte das grandes orientações éticas; 3) por pertencer ao magistério ordinário, não gozam de infalibilidade; 4) possuem um nível doutrinal (valor permanente) e um nível pastoral (valor transitório); 5) sua aplicação a cada novo contexto supõe necessariamente uma “conversação hermenêutica”. Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL, L., *Para hacer buen uso de la Doctrina Social de la Iglesia*, p.7-15; MAUGENEST, D. *Revalorizar la enseñanza social de la Iglesia*, p. 397-404.

<sup>1107</sup> Poder-se-ia objetar que na citação de Paulo VI o acento recaia sobre o reconhecimento de um novo sujeito, a comunidade dos fiéis, que à semelhança do Magistério, também é assistida pelo Espírito Santo. Mas ainda assim, interessa-nos que o reconhecimento de um novo sujeito esteja justamente associado ao Espírito Santo, confirmando que uma pneumatologia mais desenvolvida é capaz de abrir novos horizontes de possibilidade à Igreja.

<sup>1108</sup> Quando uma grande parcela dos cristãos ao redor do mundo sente dificuldade em aceitar um ensinamento magisterial, não se pode arbitrariamente concluir que se trata de uma desobediência generalizada, mas, antes, de que tal ensinamento poderia não ter respeitado, em seu processo de formulação, o *sensus fidelium*. Cf. CONGAR, Y. *A Igreja e o papado*, p. 252ss.

<sup>1109</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Encíclica Ut unum sint*, n. 80. A distinção que alguns fazem entre “*sensus fidei*” e “*sensus fidelium*” como “*possessão da verdade fundamental da fé*” e “*participação ativa por parte dos cristãos na defesa e elaboração da fé*”, respectivamente, é irrelevante para nossa reflexão. É importante observar que a compreensão do *sensus fidei* não é a de mera aquiescência do Povo de Deus à doutrina emanada do Magistério, mas a percepção de que a doutrina emanada do Magistério deveriar ser expressão da auscultação do Espírito que age em todo o corpo eclesial. Cf. BURKHARD, J. J., *Sensus Fidelium*. In: THE CATHOLIC UNIVERSITY OF AMERICA, *New Catholic Encyclopedia*, vol 12, p. 916-918. Cf. também LG 12.

<sup>1110</sup> Durante o Sínodo dos Bispos realizado em Roma, em 1980, o então Cardeal Ratzinger defendia a necessidade de que a moderna teologia sobre o matrimônio e a família fosse pensada por leigos e célibes para corrigir, assim, a unilateralidade. Cf. RATZINGER, J., *La ricerca della verità è sempre scomoda*. In: *Viaggio attraverso la teologia scomoda*, Roma: Coines, 1975, p. 120; citado por GIRALDO, J. S.B., *La teología del matrimonio en el pensamiento de Benedicto XVI*, p. 123.

adequada ou conforme à verdade. Entretanto, consideramos razoável a conclusão de Sastre García a esse respeito:

La comprensión cognoscitiva de los criterios morales no basta, pues son más decisivos los factores emotivos, apetitivos, y la imaginación que refuerza la razón. La acentuación de la racionalidad en la teoría ética y en la educación moral es insuficiente, pues la experiencia y las relaciones humanas son el punto de partida y de llegada<sup>1111</sup>.

**2ª questão:** Novamente, não seria a ausência de uma pneumatologia mais desenvolvida que acaba por conduzir o discurso moral acerca da sexualidade à rigidez do conceito? Não é justamente a moral mais nutrida pela pneumatologia que daria maior valor à intuição e aos movimentos interiores da alma<sup>1112</sup>, contribuindo à elaboração de uma moral mais sensível ao ser humano contemporâneo?

**3ª constatação:** Ao longo das encíclicas analisadas, a preocupação central do discurso magisterial, no que se refere à ética sexual, parece-nos ser a de oferecer aos fiéis balizas que indicam o caminho que conduz à salvação, garantir que o Povo de Deus não seja seduzido por falsos deuses ou falsas doutrinas que, se não o desviam do caminho da vida, muitas vezes logram obscurecer-lhe a visão. Mas, considerando que a compreensão cristã da salvação passa necessariamente pelo reconhecimento e acolhida da ação de Deus Trino<sup>1113</sup>, pode-se afirmar que sem a Trindade não há salvação. Ora, oferecer aos fiéis um caminho para a práxis que timidamente apresenta o modo como cada pessoa trinitária – em especial o Filho e o Espírito Santo – atua em nós, é correr o risco de não apresentar aos fiéis toda a riqueza de dons concedidos pela Trindade para a nossa salvação. Naturalmente que a Trindade é maior do que a Igreja e age para além dos seus limites, mas também é verdade que a Igreja é o meio mais

<sup>1111</sup> Cf. SASTRE GARCÍA, J., *Fe en Dios Padre y Ética*, p. 45.

<sup>1112</sup> Um exemplo paradigmático é a experiência de Inácio de Loyola compilada em seus Exercícios Espirituais. Aí se pode verificar a importância dada às moções interiores como expressão da ação do “bom espírito”, que se pode identificar com a pessoa e ação do Espírito Santo. Embora os Exercícios Espirituais não se destinem primeiramente à decisão moral, não deixam de ter fortes repercussões éticas, na medida em que afinam a sensibilidade do exercitante para ação do Espírito na concretude de seu cotidiano histórico. Para uma compreensão mais aprofundada da pneumatologia inerente ao caminho inaciano de discernimento cf. BINGEMER, M.C.L., *Em tudo amar e servir*, p. 43-48 passim.

<sup>1113</sup> Naturalmente que quando afirmamos aqui que a compreensão cristã da salvação passa necessariamente pelo reconhecimento e acolhida da Trindade nos referimos ao discurso teológico coerente com a tradição da fé cristã. É bem provável que muitos cristãos, ao expressarem espontaneamente sua compreensão da salvação, sequer mencionem a Trindade.

privilegiado para a oferta da salvação, como insiste o próprio Magistério<sup>1114</sup>. Assim, um discurso moral em que a Trindade não seja o elemento estruturante corre o sério risco de comprometer mais do que a verdade da fé revelada, a própria salvação do gênero humano.

**3ª questão:** Essa timidez trinitária do discurso magisterial sobre a sexualidade e o conseqüente predomínio da figura do Pai nas encíclicas analisadas acaso indicaria a permanência da “teologia da ordem”, tão evidente nas duas primeiras encíclicas? Seria tal opção pela figura do Pai expressão de uma preocupação pastoral em oferecer um discurso moral mais claro e objetivo, e menos passível de interpretações subjetivas, como poderia ocorrer caso fosse apresentada uma moral mais pneumatológica? Mas a dificuldade por parte dos fiéis em compreender e acolher tal ensinamento moral, no contexto de seus dramas históricos, não poderia contribuir para a condenação do discurso moral do Magistério à irrelevância, por sua incapacidade de iluminar-lhes a existência? Caso essas questões tivessem algum fundamento, não estaríamos correndo o risco de transformar a ética cristã de uma *ética do amor* em uma *ética gnóstica*, fazendo a passagem do *amor* que salva ao *conhecimento* que salva?

**4ª constatação:** Embora nas encíclicas analisadas se acentue a figura de Deus Pai, é curioso notar que as categorias como “iniciativa”, “inventividade”, “criatividade”, tão estreitamente ligadas ao Pai, não apareçam relacionadas à práxis cristã dos fiéis. Algo semelhante acontece com relação ao Filho. Embora a DCE abra novas perspectivas para a moral sexual em função de sua peculiar abordagem da cristologia, o conjunto das encíclicas parece não haurir da cristologia mais do que duas categorias básicas, a saber, a *obediência* e o *amor oblato* de Cristo como modelo ou paradigma moral. Os mistérios da Encarnação e da Paixão-Morte-Ressurreição de Cristo que lançam novas luzes na compreensão do lugar e do significado do corpo humano – e por extensão da sexualidade humana, ofereceu pouquíssima contribuição para a moral sexual<sup>1115</sup>.

**4ª questão:** Se, como já havíamos constatado, o discurso magisterial acerca da sexualidade carece de uma pneumatologia desenvolvida e se, como acabamos de afirmar, nem mesmo a Cristologia foi suficientemente desenvolvida, poder-se-

<sup>1114</sup> Cf. LG 8, 14; CIC n. 774-776; EV §32.

<sup>1115</sup> Conforme dissemos na conclusão à EV, nessa encíclica relaciona-se a Encarnação de Cristo à dignidade da vida humana, logo, trata-se mais propriamente de um avanço na Moral Teológica em geral, mas não representa avanço significativo na Moral Sexual em particular.

ia concluir que os limites também apontados para a teologia do Pai nas encíclicas em questão seriam fruto justamente dessa falta de uma reflexão marcadamente trinitária? Não é justamente o Filho que nos apresenta o Pai? Não é também o Espírito Santo que nos revela quem de fato é Jesus? E não é o Pai quem nos dá o Filho e o Espírito<sup>1116</sup>? E não se poderia afirmar tantas outras coisas sobre a dependência e mútua referência entre as pessoas trinitárias? Ora, se isso é verdade, não seria correto afirmar que o problema mais grave das encíclicas, para além de uma cristologia ou pneumatologia pouco desenvolvida, estaria, sobretudo, na falta de uma articulação trinitária do discurso, porque seria justamente na reflexão trinitária que se aprofundaria melhor o conhecimento sobre cada pessoa trinitária? Não seria essa reflexão mais trinitária que possibilitaria trazer para dentro da Moral Sexual as implicações éticas da intrínseca relação que une, por exemplo, a criação, a salvação e a santificação? Essa maior articulação trinitária não seria capaz de conduzir a um discurso moral mais enriquecido por aqueles modelos morais que apresentamos anteriormente para cada pessoa trinitária e para a Trindade como um todo?

Vemos, assim, que os frutos de uma reflexão mais trinitária da Moral Teológica em geral e da Moral Sexual em particular estão por colher-se. A urgência soteriológica que pressiona a Teologia Moral a debater-se com os problemas éticos sempre novos não é fruto daquela visão que parece ter motivado tantas missões no passado: a de “batizar o maior número possível de infiéis para que não pereçam no fogo do inferno”; mas da atual compreensão teológica de que não conhecer e saborear, aqui e agora, a beleza e a delícia da salvação ofertada pelo Deus Trino, no campo da sexualidade, é já um “inferno”, porque se a Trindade se define pelo amor e se somos criados à imagem da Trindade, nossa sexualidade experimenta o paraíso e a salvação cada vez que se deixa passar pelo amor verdadeiro.

---

<sup>1116</sup> Ao falarmos que o Espírito procede do Pai não negamos que proceda do “Pai e do Filho”, conforme já havíamos indicado anteriormente. Aqui apenas indicamos algumas das muitas perguntas que relacionam uma e outra pessoa trinitária.